

CIBEC/INEP



B0008195

CONTRATO MEC - SEG/FGV

# IMPLANTAÇÃO DAS HABILITAÇÕES BÁSICAS

COMPLEMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL  
EM ESCOLA TÉCNICA

10 - SAÚDE

OUTUBRO-1978

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# Implantação das Habilidades Básicas

CONTRATO MEC-SEG/FGV

# Implantação das Habilitações Básicas

**Complementação da Formação Profissional em Escola Técnica**

10. S A Ú D E

OUTUBRO—1978

EQUIPE TECNICA DO CONTRATO MEC-SEG/FGV

Supervisor- Gerai	Roberto Hermeto Corrêa da Costa
Coordenador do Contra/o	Hugo José Ligneul
Vice-Coodenador Técnico	Ayrton Gonçalves da Silva
<i>Assessores em Assuntos Educacionais</i>	Antonio Edmar Teixeira de Holanda
	Clovis Castro dos Santos
	Danny José Alves
	Geraldo Bastos Silva
	Guiomar Gomes de Carvalho
	Heli Menegale
	lúlio d'Assunção Barros
	Maria Irene Alves Ferreira
	Nilson de Oliveira
	Paulo Cesar Botelho Junqueira

# SAÚDE

OSWALDO FROTA-PESSOA'

MARIANA AUGUSTO

## APRESENTAÇÃO

A Lei nº 5.692/71, além de estender à totalidade dos alunos de 2º grau o ensino profissionalizante, assegurou a todos a possibilidade de optar pelo ingresso imediato na força do trabalho ou prosseguir nos estudos a nível de ensino superior.

O Parecer nº 76/75, do Conselho Federal de Educação, tornou mais abrangente o ensino profissionalizante, com a criação das habilitações básicas, ao lado das já existentes habilitações técnicas. Essa iniciativa deu à escola brasileira de 2º grau a flexibilidade que lhe faltava, para o cumprimento da Lei nº 5.692/71, que tem como um de seus objetivos a "qualificação para o trabalho". A complementação da habilitação básica, para se transformar em uma habilitação técnica, será feita por uma de duas formas, segundo os interesses do egresso do 2º grau — no trabalho ou na extensão dos estudos em uma escola técnica.

O Contrato firmado entre o Ministério da Educação e Cultura e a Fundação Getúlio Vargas (Contrato MEC-SEG/FGV) promove a cooperação desta com o esforço que o Ministério vem desenvolvendo para consolidar o

cumprimento da Lei que criou o ensino de 1º e 2º graus. Essa cooperação consiste, principalmente, na assistência aos Estados, na habilitação de recursos humanos, através de agências credenciadas, e na elaboração e difusão, entre os interessados, de material paradidático.

Não basta, porém, implantar-se a habilitação básica — essa etapa da formação profissionalizante vem ligada à de sua extensão no trabalho ou na escola técnica. Viu-se o Contrato, por conseguinte, condicionado à necessidade de planejar essa extensão, como vinha fazendo em relação à implantação das habilitações básicas, sempre em cooperação com o Ministério.

O presente manual é integrante de uma coleção elaborada por especialistas recrutados no ambiente das próprias escolas técnicas, destina-se aos cursos de extensão nessas escolas e visa ao ensino dos alunos portadores de certificado de habilitação básica. É a sugestão de um roteiro, de que os mestres poderão utilizar-se, submetendo-o às condições peculiares à sua orientação pedagógica, aos seus critérios e à sua criatividade.

## INTRODUÇÃO

O princípio "aprender fazendo" é tão básico, em pedagogia, que constitui o eixo comum em torno do qual floresceram todas as modernas escolas metodológicas; e, entanto, é notório que o ensino brasileiro de 2<sup>o</sup> grau continua centrado no professor, reservando para o aluno o papel de expectador mais ou menos desinteressado.

Essa distorção é difícil de debelar por duas razões principais. Primeiro, a própria formação dos licenciados padece do mesmo defeito, pois eles não aprendem "a ensinar ensinando", dada a precariedade das aulas-piloto e dos estágios supervisionados na prática de ensino. Segundo, o crescimento explosivo da clientela sobrecarrega o aparelhamento físico das escolas e dificulta a mobilização psicológica e doutrinária do magistério e dos diretores para a implantação de cursos centrados na atividade dos alunos.

O ensino acadêmico, endereçado ao vestibular, excluiu o método de problemas, baseado na interpretação de fenômenos apreciados em aulas práticas, e transformou o processo de aprendizagem em memorização de fragmentos desconexos, que não se prendem a conceitos e princípios construídos na mente dos estudantes; e, invadindo o ensino profissionalizante, desfigurou a própria idéia de terminação.

A correção dessa conjuntura a curto prazo é utópica e exigirá, a prazo médio, considerá-

vel esforço e despesa. Entrementes, a adoção das habilitações básicas veio atenuar suas conseqüências, aliviando o curso de 2<sup>o</sup> grau da tarefa de formar profissionais em centenas de ocupações diversificadas e estanques. Para seu êxito, entretanto, é essencial que as habilitações básicas venham a ser complementadas por um treino específico que ajuste o estudante a uma ocupação determinada, em nível de técnico. Uma das maneiras de conseguir isso é revalidar integralmente o mandamento "aprender fazendo" por meio de um ano de treinamento em escolas técnicas que, partindo da aprendizagem fundamental adquirida na habilitação básica de 2<sup>o</sup> grau, ensine as operações específicas que se esperam do técnico.

### DIVISÃO DE FUNÇÕES

Há que distinguir claramente o que se espera da habilitação básica e do treinamento em escola técnica.

Norma intrínseca à idéia de habilitação básica é que as disciplinas profissionalizantes de 2<sup>o</sup> grau devem contribuir para formar o técnico, propiciando embasamento teórico calcado em atividades práticas, na medida em que estas dão origem e amalgamam as noções teóricas. O que delas não se exige é o desenvolvimento de habilidades específicas até o nível de execução profissional satisfatória, o que é tarefa do treinamento em escola técnica.

Um exemplo esclarecerá esta distinção. Na disciplina Fundamentos de Assistência à Saúde, do currículo de 2º grau, há uma unidade, sobre análise de urina, em que se estuda, entre outras coisas, o sedimento urinário, em que se podem reconhecer cerca de 15 diferentes estruturas. Compete ao professor exemplificar ao microscópio algumas delas, mais como recurso de motivação, sem exigir que os alunos as distingam com segurança. De fato, o importante é que eles compreendam como essas estruturas se formam e como refletem a patologia do aparelho urinário, a qual, por sua vez, se relaciona com a anatomia e fisiologia de seus órgãos.

Dessa maneira, se pedirmos a um estudante aprovado na habilitação básica que faça um relatório sobre o sedimento de uma amostra de urina, ele se revelará incompetente para a tarefa, embora possa explicar o significado de seus principais componentes. É que lhe falta a experiência reiterada de reconhecimento, ao microscópio, dos diversos possíveis componentes do sedimento — a qual ele deverá obter precisamente no treinamento em escola técnica.

Do mesmo modo, se o aluno analisou em classe os princípios em que se baseiam a respiração artificial e a massagem cardíaca e compreendeu suas relações com a fisiologia, isso não quer dizer que deva estar apto para aplicá-las em uma emergência, mesmo que tenha participado em classe de uma dramatização a respeito, que indique, de maneira vivida, as ações a executar. De fato, só a prática adquirida em escola técnica o tornará competente.

Em suma, compete ao professor de habilitação básica propiciar a seus alunos, através das disciplinas instrumentais e das específicas, uma boa compreensão dos tópicos de estudo, recorrendo a aulas práticas sempre que necessário. Essas, porém, têm o objetivo de auxiliar a compreensão e não de promover proficiência nas ações que se esperam de um técnico. O treinamento em escola técnica, por outro lado, tornará o aluno competente ao nível de execução, de modo que, confrontado com a tarefa específica, seja capaz de realizá-la satisfatoriamente.

## OBJETIVOS E MÉTODOS DO TREINAMENTO EM ESCOLA TÉCNICA

O treinamento em escola técnica que complementa a habilitação básica para alçar o candidato ao nível de técnico tem, portanto, objetivos e características metodológicas próprias.

Em primeiro lugar, não têm cabimento, no treinamento em escola técnica, aulas ou palestras formais. Em segundo lugar, não se pretende nesse treinamento ensinar diretamente os fundamentos teóricos das ações, eis que devem eles ter sido adquiridos no curso de 2º grau.

O objetivo é que o aluno adquira competência na execução de operações que já entende quanto a suas bases, mecanismos e finalidades, através de sua repetição supervisionada em condições reais.

Decorre daí que o ensino na escola técnica terá de ser feito em treino real, sob forma de estágios e que, portanto, só as escolas que já oferecem esse tipo de atividade a seus alunos poderão incorporar em suas turmas normais os egressos da Habilitação Básica em Saúde, para a complementação de sua formação. Infelizmente muitas Escolas Técnicas de Saúde são deficientes justamente quanto à parte prática do treinamento que oferecem a seus alunos. Tais escolas não devem ser incumbidas de executar o programa, a não ser que se comprometam a organizar os estágios que não podem oferecer recorrendo a convênios com instituições que os ofereçam.

Este é um aspecto crítico, que não admite contemporizações, pois, do contrário, os alunos teriam cursos convencionais que apenas repisariam as noções já adquiridas no 2º grau, sem terem oportunidade de capacitar-se na execução das operações indispensáveis, em situação real, que os transformem em verdadeiros técnicos.

A metodologia do ensino no curso complementar em escola técnica terá de ser, portanto, a dos estágios supervisionados em serviços da própria escola ou de instituições com que faça convênios.

## O SUPERVISIONAMENTO

Compete à escola designar um supervisor que acompanhe o trabalho dos alunos e os oriente, seja nos estágios dentro da própria escola, seja nos realizados em outras instituições.

A técnica de supervisionamento decorre, naturalmente, do que foi dito acima.

Primeiro, é preciso colocar o aluno funcionando como técnico, ainda que bisonho. Só assim seu progresso será rápido, natural e decisivo. Para que isso não afete, entretanto, a qualidade de seu desempenho, é indispensável que seus resultados, mais que suas técnicas, sejam conferidos, aprovados ou corrigidos. Dita assim, essa supervisão parece complicada; mas, na prática, não o é. Ao contrário, ela flui naturalmente dentro do relacionamento típico do aprendiz com o mestre, como já fluía até mesmo na pedagogia medieval, onde o método do "aprendiz" não padecia competição.

Para cada técnica nova, o supervisor usa instintivamente a estratégia adequada. No exemplo do sedimento, ele entrega ao estagiário, para diagnóstico, a urina que efetivamente tem de ser analisada e confronta os resultados dele com os seus próprios, primeiro detalhadamente, depois em conjunto, a saber: o estagiário encontra um objeto na lâmina e o classifica, digamos, como cilindro granuloso. Numa simples olhadela, o supervisor reconhece que o cilindro é, na verdade, hemático e lhe explica por quê. Alguns cilindros mais tarde, o aprendiz não mais se engana. Em breve, o mentor já não faz mais o controle do diagnóstico de cada elemento encontrado; confere, apenas, o relatório final da análise do sedimento que o estagiário apresenta, comparando-o com o seu próprio.

O treino encaminha-se, agora, para sua fase mais importante: o próprio estagiário começa a distinguir as determinações que faz sem hesitação daquelas em que ainda sente dúvida. Assim, ao longo de uma análise de sedimento, ele registra com convicção a presença de muitos elementos; mas, vez por outra, chama o supervisor para confirmar um diagnóstico em que ainda se sente inseguro. Pela

natureza dessas dúvidas, o mentor vai avaliando, quase automaticamente, a proficiência de seu discípulo e sente, intuitivamente, quando já pode confiar em seus relatórios.

Parecerá a quem nunca se envolveu nesse processo que é muito difícil para o supervisor decidir quando o estagiário já pode trabalhar sozinho em determinada técnica. Entretanto, isso não é assim, entre outras coisas, porque não é necessário, na prática, que, para trabalhar sozinho, o índice de erro do estagiário, na determinação de cada tipo de objeto visto ao microscópio, se reduza ao supervisor que já trabalha há anos: basta que esse índice não seja alto a ponto de pôr em risco a veracidade do relatório final. Por exemplo, pode ser que, dentre 50 cilindros hemáticos, o aprendiz reconheça corretamente 42 (enquanto o supervisor reconhece 41 ou mesmo 50): de qualquer modo, o relatório de ambos *rezará*: "abundantes cilindros hemáticos", e isso é o que interessa ao clínico.

Essa explicação, embora um tanto longa, é essencial para marcar a natureza do relacionamento entre o estagiário e seu supervisor e para justificar a afirmação seguinte: não é necessária nenhuma prova formal para que o estagiário "passe" no treino sobre sedimento. A opinião do supervisor, baseada em sua convivência cotidiana com o estagiário, resulta do somatório, integrado subjetivamente em sua mente, de reiteradas situações, que valem como outras tantas "provas", feitas ao longo do estágio, nas quais puderam ser julgados inúmeros componentes da proficiência, que provas formais seriam incapazes de averiguar.

## O RODÍZIO

Continuar a repetir a mesma técnica, depois da aprovação do supervisor, representaria perda de tempo para o estagiário: daí a necessidade de que seu treino se transfira, em rodízio, aos principais tipos de técnicas que ele deverá dominar. Este é o ponto distintivo principal entre o estágio, cujas normas este documento fixa, e os que são feitos por puro interesse da empresa, que precisa de funcionários especializados. A um grande laboratório de análises clínicas interessa mais ter

um bom técnico em sedimento, incompetente em exame de sangue e outro que complementa o primeiro, sem superposição. Para o estagiário, todavia, o desejável é um treinamento mais amplo, que lhe dilate as oportunidades de bons contratos. Assim, um Técnico em Patologia Clínica deve ser treinado em certas análises de urina, sangue e fezes, na determinação de certos parasitos e em técnicas bacteriológicas e imunológicas simples, e deve saber também como colher, junto ao paciente, amostras dos materiais em que se fazem esses estudos.

Por outro lado, seria absurdo exigir proficiência do estagiário nas centenas de exames que se podem fazer num laboratório clínico. A idéia é treiná-lo bem, não em muitas técnicas específicas, mas nos tipos representativos de técnicas.

Tomemos um caso concreto no campo das dosagens químicas feitas em urina. O objetivo é que o estagiário, tornando-se proficiente em algumas delas, domine os procedimentos básicos, como os de pesar, preparar reagentes, pipetar, buretar, fazer leituras e calcular resultados. Ao confrontar-se com a tarefa de fazer dosagens de outras substâncias, em sua futura vida profissional, ser-lhe-á fácil aplicar os procedimentos básicos às dosagens novas, tanto mais que já aprendeu, como é indispensável, a aprender sozinho.

Do mesmo modo, um Técnico em Enfermagem bem treinado nos procedimentos básicos em um hospital infantil, tanto na clínica médica como na cirúrgica, não terá dificuldades em adaptar-se mais tarde ao trabalho em um hospital de adultos.

Estas considerações tornam claro que a programação dos estágios comporta grande flexibilidade, circunstância auspiciosa, dada a impossibilidade de se oferecer um treino extensivo que cubra todas as ações que um técnico pode vir a ser chamado a desempenhar. Por outro lado, as instituições, mesmo não muito especializadas, podem não oferecer condições para treinamento em determinados setores restritos, embora possam abarcar convenientemente todas as categorias básicas de treinamento.

É por isso que este documento fixa as grandes áreas de ações que o rodízio deve per-

correr, mas deixa para o planejamento do trabalho de cada estagiário a determinação da sub-área específica em que se verificará realmente o treinamento.

## PROGRAMA DO ESTÁGIO E AVALIAÇÃO

Contratado com a escola técnica o aceite de um estagiário, far-se-á um programa provisório para suas atividades, escolhendo-se as fases de seu treinamento em rodízio por diferentes serviços, com as respectivas cargas horárias, de modo que sua experiência ocorra em setores representativos dos campos em que mais comumente o técnico venha a ter oportunidade de trabalhar.

Tal programa será planejado para cada instituição e para cada estagiário, de modo a poder adaptar-se à estrutura da primeira e às inclinações do segundo. O plano será elaborado pelo coordenador de estágios da instituição, ouvido o estagiário, e será aprovado pela Fundação MUDES.

Durante a execução do programa, serão aceitas alterações justificadas, principalmente quanto ao remanejamento das cargas horárias, para atender ao lapso de treino que o estagiário venha a necessitar para atingir proficiência satisfatória em cada fase.

O supervisor do estagiário em cada fase avaliará quando o estagiário já se encontra preparado para passar à fase seguinte do rodízio. Quando o estagiário terminar o rodízio com aproveitamento satisfatório em cada fase, fará jus ao certificado de técnico, sem nenhum exame final.

Para cada tipo de técnico, será especificada a carga horária global mínima, que poderá ser ultrapassada, se assim for necessário para sua adequada formação, até um acréscimo de 50%, a critério do coordenador de estágios, ouvidos os supervisores. Se, mesmo assim, o preparo do estagiário ainda for deficiente, serão estudados pelo coordenador de estágios da instituição, juntamente com a Fundação MUDES, a concessão de um prazo complementar, ou o desligamento do estagiário, sem a obtenção do certificado de técnico.

## TIPOS DE TÉCNICOS

As ocupações em nível de técnico na área de Saúde, oficialmente reconhecidas, variam consideravelmente em âmbito e em demanda no mercado de trabalho. Ocupações mais restritas são, por exemplo, as de técnico em Radiologia, em Radiologia Dental, em Laboratório de Prótese Dental, em Higiene Dental e em Ótica.

Por outro lado, algumas das ocupações se superpõem em parte, como as duas primeiras acima citadas e as de Técnico em Nutrição e Técnico em Dietética.

Parece um bom critério iniciar o programa de treinamento em escola técnica com denominações de âmbito mais amplo, de modo a valorizar-se um rodízio rico e aproveitar, assim, as vantajosas peculiaridades desse treinamento.

Entre as diversas ocupações, a do Técnico em Enfermagem e a do Técnico em Patologia Clínica são as que provavelmente gozam de maior demanda. Parece, também, recomendável incluir neste plano mais duas ocupações — Técnico em Nutrição e Técnico em Dietética — cujos treinamentos, por apresentarem grande superposição, podem ser feitos dentro de um só programa.

A parte específica deste trabalho tratará, portanto, de três setores: Técnico em Enfermagem, Técnico em Patologia Clínica e, num

conjunto único, Técnico em Nutrição e Técnico em Dietética. O aluno que seguir este último ramo deverá receber os dois certificados.

Assegurado o êxito do programa de treinamento em escola técnica nesses três setores, poder-se-á pensar na conveniência de instituir programas correspondentes para a formação de outros tipos de técnicos.

## OS CONTEÚDOS

Para determinar os conteúdos que serão objeto do treinamento em escola técnica, partimos dos programas das disciplinas que formam o currículo da Habilitação Básica em Saúde e identificamos neles os assuntos que demandam treinamento prático para complementar a formação dos alunos, alçando-os ao nível de técnico.

Nas Tabelas 1, 2 e 3 listamos sinteticamente tais conteúdos, a propósito de cada disciplina da habilitação básica, e na Tabela 4 os reagrupamos, para cada tipo de técnico.

Na parte seguinte deste trabalho esses conteúdos são detalhados em termos operacionais na secção denominada AÇÕES, referente a cada tipo de técnico, depois de enumerarmos as ÁREAS DE ATUAÇÃO em que o treino deverá ser obtido.

## TABELAS

Tabela 1 — Elenco de disciplinas da Habilitação Básica em Saúde e conteúdos que a elas correspondem para o curso complementar em escola técnica que forma o Técnico em Enfermagem.

### HABILITAÇÃO BÁSICA

### ESCOLA TÉCNICA

#### *Disciplinas instrumentais*

FISIOLOGIA . . . . .

PATOLOGIA . . . . .

HIGIENE . . . . .

#### *Disciplinas específicas*

### FUNDAMENTOS DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

I. DEFESA DA SAÚDE . . . . .	Enfermagem radiológica Administração de medicamentos
II. DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS . . . . .	
III. PUERICULTURA . . . . .	Os cuidados com o bebê Aplicação de vacinas Alimentação do bebê Recreação
NOÇÕES DE SAÚDE E BEM-ESTAR SOCIAL . . . . .	
ESTRUTURA DA SAÚDE . . . . .	
NOÇÕES DE ATENDIMENTO DE EMERGENCIA . . . . .	Enfermagem de queimados Curativos Enfermagem ortopédica
ORIENTAÇÃO OCUPACIONAL . . . . .	Socorros de emergência Enfermagem hospitalar, pressão arterial e febre, esterilização e assepsia, cuidados com os doentes, enfermagem cirúrgica.

#### *Atividades Comuns*

EDUCAÇÃO FÍSICA . . . . .

Tabela 2 — Elenco das disciplinas da Habilitação Básica em Saúde e conteúdos que a elas correspondem para o curso complementar em escola técnica que forma o Técnico em Nutrição e o Técnico em Dietética.

HABILITAÇÃO BÁSICA	CONTEÚDOS DO CURSO EM
	ESCOLA TÉCNICA
<i>Disciplinas instrumentais</i>	
FISIOLOGIA . . . . .	
PATOLOGIA . . . . .	
HIGIENE . . . . .	
<i>Disciplinas específicas</i>	
FUNDAMENTOS DE ASSISTÊNCIA A SAÚDE	
I. DEFESA DA SAÚDE . . . . .	Avaliação do estado de nutrição Diagnóstico de carências
II. DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS . . . . .	
III. PUERICULTURA . . . . .	Prática de alimentação do bebê Dietas para crianças normais, subnutridas e doentes
NOÇÕES DE SAÚDE E BEM-ESTAR SOCIAL . . . . .	Dietas para escolares: merenda escolar Dietas para diferentes estados. mórbidos
ESTRUTURA DA SAÚDE . . . . .	
NOÇÕES DE ATENDIMENTO DE EMERGÊNCIA . . . . .	
ORIENTAÇÃO OCUPACIONAL . . . . .	
EDUCAÇÃO FÍSICA	

Tabela 3 — Elenco das disciplinas da Habilitação Básica em Saúde e conteúdos que a elas correspondem para o curso complementar em escola técnica que forma o Técnico em Patologia Clínica.

*Disciplinas instrumentais*

FISIOLOGIA .....	Determinação de grupos sanguíneos
PATOLOGIA .....	Prática de determinações histopatológicas em geral e de tumores.
HIGIENE .....	.....

*Disciplinas específicas*

FUNDAMENTOS DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

I. DEFESA DA SAÚDE .....	Prática em análises de fezes, urina, sangue, secreções e excreções.
II. DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS .....	Prática em análises bacteriológicas, micrológicas e de parasitos. Testes imunológicos.
III. PUERICULTURA .....	.....
NOÇÕES DE SAÚDE E BEM-ESTAR SOCIAL .....	Diagnóstico laboratorial de doenças venéreas.
ESTRUTURA DA SAÚDE .....	.....
NOÇÕES DE ATENDIMENTO DE EMERGÊNCIA .....	.....
ORIENTAÇÃO OCUPACIONAL .....	.....
EDUCAÇÃO FÍSICA .....	.....

Tabela 4 — Disciplinas do curso em escola técnica que complementa a Habilitação Básica em Saúde do 2º grau para a formação de quatro tipos de técnicos.

*Técnico em Enfermagem*

Enfermagem hospitalar

Enfermagem cirúrgica e obstétrica

Enfermagem especializada: ortopédica, de reabilitação, fisioterápica, radiológica e de queimados

Enfermagem de Pronto Socorro

Prática de puericultura

*Técnico em Nutrição e Técnico em Dietética*

Treino em ambulatório na avaliação de estado de nutrição e tipos de carência

Prático em cozinha hospitalar, incluindo dietas para diferentes estados morbidos

Prática de confecção de alimentos para bebês normais, subnutridos e doentes

Prática de confecção de merenda escolar

Prática em dietas para engordar e para emagrecer

*Técnico em Patologia Clínica*

Prática de laboratório clínico

Prática em laboratório de anatomia e histologia patológicas

PLANO DE TREINAMENTO DE TÉCNICO  
EM ENFERMAGEM

## ÁREAS DE ATUAÇÃO

O rodízio do aluno deve exercer-se, pelo menos, nas seguintes seis áreas básicas, obedecendo aproximadamente às cargas horárias indicadas, num mínimo de 1040 horas, sendo cada área básica representada por uma ou mais de suas sub-áreas, algumas das quais são exemplificadas abaixo.

Caso a escola técnica credenciada não conte com serviços em alguma das áreas básicas, deverá usar, em convênio, outra instituição para complemento do estágio.

### 1. *Enfermarias de Clínica Médica — 260 h*

Enfermaria Geral

Enfermarias especializadas para homens ou mulheres, terapia intensiva, doenças infecciosas, cardíacas, casos crônicos ou terminais etc.

Centro de Material

### 2. *Serviços Cirúrgicos — 260 h*

Enfermaria Geral

Enfermarias especializadas para homens ou mulheres, pré ou pós-operatório, terapia intensiva etc.

Centro Cirúrgico, incluindo salas de operação e Centro de Material

### 3. *Clínicas Médicas — 130 h*

Clínicas ou Ambulatórios Gerais

Clínicas ou Ambulatórios especializados em cardiologia, pneumologia, afecções gastro-intestinais ou nefrológicas, neurologia, psiquiatria, oftalmologia, fisioterapia, exame pré-nupcial, aconselhamento genético, planejamento familiar etc.

Pronto Socorro (aspectos clínicos)

Centro de Saúde

Centro Comunitário de Proteção à Saúde

Serviço de radiologia ou radioterapia

### 4. *Clínicas Cirúrgicas — 130 h*

Clínicas ou Ambulatórios Gerais

Clínicas ou Ambulatórios especializados em ortopedia, cardiologia, pneumologia, afecções gastro-intestinais ou nefrológicas, neurologia, oftalmologia, otorrinolaringologia etc.

Pronto Socorro (aspectos cirúrgicos)

### 5. *Clínicas Obstétricas — 130 h*

Clínica ginecológica

Clínica de pré-natal

Maternidade

Centro cirúrgico obstétrico

Enfermaria obstétrica

Serviço de parto sem dor

Serviço de alto risco para gestantes e sua prole

## 6. *Clínicas Pediátricas — 130 h*

Unidade de pediatria

Serviço de neonatologia

Assistência à criança deficiente mental

Unidades de fisioterapia e reabilitação

Creche

## AÇÕES

A avaliação da proficiência do aluno em cada fase de seu treino deve basear-se na verificação, pelo supervisor, da execução de ações específicas. Uma lista delas, que facilite e torne objetiva a avaliação, deve ser organizada. Damos abaixo exemplos dessas listas, para cada fase do estágio nas diversas sub-áreas, ficando entendido que elas servem apenas como ilustração e devem ser alteradas de acordo com as condições especiais de cada serviço. Também a ênfase posta em cada ação deve ficar a cargo do supervisor.

### 1. *Enfermarias de Clínica Médica*

- Executar a limpeza, desinfecção e arrumação da unidade de serviço
- Ajudar o banho e a higiene do paciente e controlar e modificar sua posição na cama
- Entender e executar as prescrições médicas
- Administrar alimentação e medicamentos pelas diversas vias e técnicas recomendadas
- Instalar sondas e controlar seu funcionamento
- Aplicar lavagens gástricas, intestinais e vesicais

— Fazer curativos e controlar escaras

— Colher e encaminhar materiais para exame de laboratório

— Colher e anotar todos os dados sobre o paciente, como febre, pressão arterial, sinais e sintomas, reações etc.

— Assistir o paciente psicologicamente com interesse e solicitude

### 2. *Serviços Cirúrgicos*

— Executar as ações especificadas no item 1

— Prestar cuidados pré e pós-operatórios, como realizar tricotomia e providenciar curativos, drenos e aspiração de secreções

— Colocar o paciente nas diversas posições operatórias

— Acompanhar ou controlar sangramentos e cicatrizações

— Transportar o paciente para o centro cirúrgico e para a enfermaria

— Reconhecer, controlar, acondicionar, esterilizar e distribuir o material cirúrgico

— Providenciar e controlar a antisepsia

### 3. *Clínicas Médicas*

— Marcar horas para consulta, receber pacientes com solicitude e simpatia, orientá-los e encaminhá-los

— Prestar pronto socorro em casos simples

— Aplicar vacinas e orientar pacientes e seus responsáveis quanto a tratamentos

— Preparar pacientes para exames e terapias especializadas

— Administrar registros e zelar pela organização de serviços

### 4. *Clínicas Cirúrgicas*

— Executar as ações do item 3 no caso de clínicas cirúrgicas

### 5. *Clínicas Obstétricas*

- Executar as ações do item 3 no caso de clínicas ginecológicas e obstétricas
- Orientar as gestantes quanto à preservação da saúde e o pré-natal
- Assistir gestantes, parturientes e puérras e dar-lhes suporte psicológico
- Detectar problemas sociais e familiares e encaminhá-los para solução conveniente

### 6. *Clínicas Pediátricas*

- Executar as ações do item 3 no caso de clínicas pediátricas
- Proteger e alimentar neonatos e prestar-lhes cuidados gerais e médicos
- Executar os serviços de puericultura, prevenção da saúde, controle, administração, recreio e aprendizagem na creche
- Atender visitantes com solicitude e simpatia
- Colaborar na fisioterapia e procedimentos de reabilitação de crianças com limitações

PLANO DE TREINAMENTO DE TÉCNICO EM  
NUTRIÇÃO E TÉCNICO EM DIETÉTICA

## REQUISITOS DAS INSTITUIÇÕES CREDENCIÁVEIS

Para serem credenciadas para executarem o Treinamento em Serviço que conduz os egressos do 2º grau com Habilitação Básica em Saúde à obtenção do certificado de Técnico em Nutrição e Técnico em Dietética, as instituições devem apresentar os seguintes requisitos:

1. Ter interesse na formação de Técnico em Nutrição ou Técnico em Dietética e dispor das instalações, equipamentos e materiais necessários para seu treino e para o bom funcionamento dos serviços.

2. Contar com nutricionistas, Técnicos em Nutrição ou Técnicos em Dietética em seu pessoal permanente.

3. Comprometer-se a incluir o estagiário na escala de serviços, desempenhando ações ao nível de formação de técnico.

4. Designar um Coordenador de Estágios e Mentores capacitados para orientarem e supervisionarem as ações a serem desenvolvidas pelo estagiário, fazer sua avaliação permanente e determinar quando se torne proficiente nas ações supervisionadas.

## ALGUMAS INSTITUIÇÕES CREDENCIÁVEIS

Sugerem-se as seguintes instituições, além de suas homólogas em outras capitais brasileiras:

NESTLÉ, COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL BRASILEIRA DE PRODUTOS ALIMENTARES

Avenida Consolação, 896, São Paulo, SP

HOSPITAL INFANTIL CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Av. Moreira Guimarães, 699, Indianópolis, São Paulo, SP

HOSPITAL SAO PAULO

Rua Napoleão de Barros, 720, Vila Clementino, São Paulo, SP

COMUNIDADE INFANTIL DA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA, DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

Rua Napoleão de Barros, 754, Vila Clementino, São Paulo, SP

HOSPITAL DAS CLINICAS

Av. Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, 44, Pinheiros, São Paulo, SP

UNIDADE DE TRIAGEM SAMPAIO VIANA

Rua Angatuba, 756, Pacaembu, São Paulo, SP

PHILCO RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.

R. Sta. Virgínia, 295, Tatuapé, São Paulo, SP

SENAC, SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL

Av. Tiradentes, 822, São Paulo, SP

SESC, SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Rua Dr. Vila Nova, 228, Vila Buarque, São Paulo, SP

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SAO PAULO

Rua Cesario Mota, 112, Vila Buarque, São Paulo, SP

PROGRAMA ESPECIAL DE PEDIATRIA, INAMPS

Rua Santa Cruz, 1191, São Paulo, SP

SESI, SERVIÇO SOCIAL DA INDUSTRIA

Rua D. José Gaspar, 30, Centro, São Paulo, SP

HOSPITAL DA CRIANÇA SANTO ANTONIO

Porto Alegre, RS

INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA

Rio de Janeiro, RJ

## AREAS DE ATUAÇÃO

O rodízio do aluno deve exercer-se, pelo menos, nas seguintes três áreas básicas, obedecendo aproximadamente às cargas horárias indicadas, num mínimo de 1040 horas, sendo cada área básica representada por uma ou mais de suas sub-áreas, algumas das quais são exemplificadas abaixo.

Caso a escola técnica credenciada não conte com serviços em alguma das áreas básicas, deverá usar, em convênio, outra instituição para complemento do estágio.

### 1. Refeitórios e restaurantes — 390 h

- Refeitórios de colégios, lojas, indústrias etc.
- Restaurantes de hotéis, estâncias, comerciais, populares etc.
- Serviço de planejamento de cardápios
- Serviço de requisição, controle e estocagem de gêneros
- Serviço de cozinha
- Serviço de copa
- Serviço de orçamento e tesouraria

### 2. Cozinha dietética de hospitais — 390 h

- Serviço de Nutrição ou Dietética de Hospitais e congêneres (clínicas de repouso, recuperação, reabilitação)

— Cozinha dietética em qualquer especialidade

— Unidade de nutrição e dietética de indústrias de produtos alimentícios

### 3. Lactario — 260 h

- Lactario de comunidade infantil
- Lactario de hospital ou maternidade
- Lactario e refeitório de creche ou escola infantil

## AÇÕES

A avaliação de proficiência do aluno em cada fase de seu treino deve basear-se na verificação, pelo supervisor, da execução de ações específicas. Uma lista delas, que facilite e torne objetiva a avaliação, deve ser organizada. Damos abaixo exemplos dessas listas, para cada fase do estágio nas diversas sub-áreas, ficando entendido que elas servem apenas como ilustração e devem ser alteradas de acordo com as condições especiais de cada serviço. Também a ênfase posta em cada ação deve ficar a cargo do supervisor.

### 1. Refeitórios e restaurantes

- Supervisionar a manutenção da limpeza, higiene e o bom aspecto do ambiente
- Controlar a manutenção, conservação, conserto e compra do material

- Controlar a higidez e higiene dos funcionários
- Suprir a cozinha e as salas de refeições com gêneros alimentícios, equipamentos, materiais e pessoal
- Zelar pela boa conservação dos alimentos perecíveis
- Planejar cardápios e calcular a quantidade de alimentos a serem preparados cada dia, de acordo com as flutuações da clientela
- Supervisionar o preparo e distribuição das refeições
- Receber e orientar os usuários e investigar como avaliam as refeições e que sugestão fazem para melhorá-las
- Supervisionar e avaliar as atividades dos funcionários
- Apresentar relatórios e planos de aperfeiçoamento dos serviços

## 2. Cozinha dietética de hospitais

- Realizar as ações referidas no item 1, para o caso da cozinha dietética

- Verificar diariamente as prescrições médicas e planejar os cardápios de acordo
- Supervisionar o preparo, apresentação, identificação do usuário e distribuição das dietas
- Visitar os usuários para motivá-los e verificar a aceitação das dietas
- Orientar os pacientes na alta sobre a dieta a seguir no lar

## 3. Lactário

- Realizar as ações referidas nos itens 1 e 2 que se aplicarem ao caso do lactário
- Supervisionar a limpeza e esterilização do material e mamadeiras
- Supervisionar o preparo dos diversos tipos de leites
- Controlar a rotulagem e distribuição das mamadeiras de acordo com as prescrições médicas ou a orientação da nutricionista
- Observar o desenvolvimento das crianças e relacioná-lo com a alimentação e comunicar as alterações importantes ao médico, nutricionista ou enfermeira

PLANO DE TREINAMENTO DE TÉCNICO  
EM PATOLOGIA CLÍNICA

## AREAS DE ATUAÇÃO

O rodízio do aluno deve exercer-se, pelo menos, nas seguintes seis áreas básicas, obedecendo aproximadamente às cargas horárias indicadas, num mínimo de 1040 horas:

1. *Serviço de exames de urina* — 100 h
2. *Serviço de exames de fezes* — 100 h
3. *Serviço de bioquímica de sangue* — 200 h
4. *Serviço de hematologia* — 130 h
5. *Serviço de bacteriologia* — 240 h
6. *Serviço de anatomia e histologia patológicas* — 240 h

## AÇÕES

A avaliação de proficiência do aluno em cada fase de seu treino deve basear-se na verificação, pelo supervisor, da execução de ações específicas. Uma lista delas, que facilite e torne objetiva a avaliação, deve ser organizada. Damos abaixo exemplos dessas listas, para cada fase do estágio nas diversas sub-áreas, ficando entendido que elas servem apenas como ilustração e devem ser alteradas de acordo com as condições especiais de cada serviço. Também a ênfase posta em cada ação deve ficar a cargo do supervisor.

### 1. *Serviço de exames de urina*

- Determinar as características gerais da urina
- Realizar pesquisa de substâncias anormais
- Fazer dosagens de substâncias da urina
- Analisar o sedimento urinário

### 2. *Serviço de exames de fezes*

- Pesquisar e identificar helmintos e seus ovos nas fezes
- Pesquisar e identificar protozoários

### 3. *Serviço de bioquímica do sangue*

- Dosar, no sangue, substâncias como glicose, uréia, bilirrubina, colesterol, creatinina etc.

### 4. *Serviço de hematologia*

- Determinar propriedades físicas do sangue
- Dosar hemoglobina
- Identificar e fazer contagem total e específica de glóbulos sangüíneos
- Reconhecer alterações de forma e estrutura dos glóbulos sangüíneos
- Determinar os grupos sangüíneos

5. *Serviço de bacteriología*

- Executar pesquisa de bactérias e fungos em vários materiais e identificar seu tipo
- Fazer culturas de bactérias
- Fazer inoculações de material em animais para teste bacteriológico
- Fazer testes de Susceptibilidade de bactérias a antibióticos
- Executar testes sorológicos para identificação de anticorpos

6. *Serviço de anatomia e histología patológicas*

- Retirar de peças de biópsias ou necropsias material para exames histopatológicos
- Fixar, incluir, microtomizar, corar e montar laminas para estudo histopatológico
- Reconhecer ao microscopio os tipos de tecidos

## SUMARIO

Apresentação . . . . .	7
Introdução . . . . .	9
Tabelas . . . . .	15
Plano de Treinamento de Técnico em Enfermagem . . . . .	19
Plano de Treinamento de Técnico em Nutrição e Técnico em Dietética . . . . .	25
Plano de Treinamento de Técnico em Patologia Clínica . . . . .	33

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)